

INSTITUTO
 Documentação
 FONDO AMBIENTAL
 Fonte A crítica
 Data 12/10/96 Pg A3
 Class. Waimiri Atroari
 484

Índios ameaçam derrubar ponte do Pitinga

O mediador da Funai não consegue negociar com os uaimiris-atroaris. Os índios continuam ignorando a proposta da Paranapanema

Euzivaldo Queiroz — 8/out/96

PITINGA — Os índios uaimiri-atroari que estão mantendo sob isolamento a mina do Pitinga demonstraram, ontem, que não estão brincando. Depois de confirmar que a estrada continuará fechada, eles estão ameaçando derrubar a ponte de ligação entre a mina e a reserva, único acesso da mineradora à BR-174, por onde é escoada toda a produção da maior mina de cassiterita do mundo.

De nada adiantou a visita do chefe do Departamento de Patrimônio e Meio Ambiente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Wagner Pereira Sena, à mina como mediador entre os índios e Paranapanema. Os uaimiri-atroari, que desde o domingo passado bloqueiam a passagem de acesso da maior mina de cassiterita do mundo, não arredam o pé. Insatisfeitos por não terem suas exigências atendidas, elas estão dispostos a isolar de vez o Pitinga. A medida foi anunciada em clima tenso, sob o barulho produzido pelos chacoalhar de arcos e flechas. O que, na linguagem dos índios, significa coisa muito séria, algo como "estamos prontos para guerra".

Wagner Pereira só chegou a área do conflito no fim da tarde de ontem, acompanhado do indigenista Porfírio Carvalho; do gerente do Programa Uaimiri-Atroari, Marçílio Cavalcante; e do administrador regional da Funai, Benedito Rangel. A chegada do grupo pareceu não ter sido bem vista pelos índios que foram recepcioná-lo quando desembarcava do carro. Não demorou muito para escurecer. E foi nesse cenário: no escuro da mata, de pé e rodea-

do pelos índios, que Wagner foi obrigado a iniciar as negociações. Só que a conversa sequer chegou a começar efetivamente. Sempre que fazia alguma colocação, o negociador era interrompido por gritos e palavras expressões incompreensíveis.

Sem uma resposta positiva para suas reivindicações - os índios querem pela passagem dos caminhões de cassiterita pela reserva o pagamento de R\$ 78 mil mensais -, e tentando explicar aos índios sobre a proposta da mineradora, que é de R\$ 24 mil (até antes do conflito a mineradora repassava R\$ 17 mil mensais), Wagner mal conseguia expor a situação e muito menos entender o que acontecia. Impacientes, os índios conversavam uns com os outros, reclamando da situação. O mediador da Funai ainda propôs que os índios aceitassem o valor que a mineradora oferece pelo menos alguns meses, até uma próxima negociação. A situação piorou.

Acuado, Wagner deixou a reserva prometendo aos uaimiri-atroari que conversaria novamente com a Paranapanema. O representante da Funai ainda tentou marcar nova conversa com líderes dos índios em um outro local. Outra recusa, desta vez apelando para a velha lógica indígena: "Escritório de índio é aqui, na mata", disseram, colocando um ponto final na questão. Os índios se mostram ainda mais arredios a qualquer negociação com a Funai, especialmente depois que tomaram conhecimento de comentários sobre a possível demissão do gerente do Programa Uaimiri-Atroari.



Os uaimiris-atroaris continuam impedindo a passagem dos caminhões e não aceitam proposta da Paranapanema